

REPRESENTAÇÕES DA LEITURA E DA CULTURA CAETITEENSE NA ESCRITA EPISTOLAR DE ANÍSIO TEIXEIRA

Prof^a. Ms. Luciete Bastosⁱ (UNEB)

Resumo: Este artigo apresenta parte de uma pesquisa em desenvolvimento que investiga as correspondências pessoais trocadas entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato, no período de 1928 a 1947, publicadas no livro: **Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato**, organizado por Aurélio Vianna e Priscila Fraiz. Pretende-se refletir de que forma a escrita epistolar constitui importante instrumento de difusão de ideias e pode revelar o universo cultural que envolve emissor e destinatário. Desse novo olhar sobre elementos culturais representativos de uma sociedade intelectualizada, supponho ter derivado o processo de constituição de uma identidade caetiteense marcada pelas práticas culturais letradas. Balizam esta pesquisa os teóricos GINZBURG (1990), BOURDIEU (1996), ARTIÈRES (1998), AZEVEDO (2004), NUNES (2000), GOMES (2004) e TANNO (2007).

Palavras-chave: Anísio Teixeira. Correspondências. Leitura. Cultura.

*Uma carta respondida é qualquer coisa
que se encerrou. Uma carta a responder é uma coisa viva,
a falar ainda e a esperar....*

A epígrafe, de autoria de Anísio Teixeira, que abre esta discussão, de onde colho: “uma carta [...] é uma coisa viva a falar ainda e a esperar”, anuncia não só a dinâmica que as cartas propiciam às ideias de seus interlocutores, mas também a circulação dessas ideias registradas que falam para além do momento em que foram escritas, viajando em tempos e em espaços diversos, à espera e se oferecendo à pesquisa.

Anísio Teixeira é um nome importante para a educação brasileira e fonte para muitas interpretações. Fez parte de uma geração de intelectuais que, embora distante geograficamente dos grandes centros de discussões, mantinha-se informada dos acontecimentos e ideias em efervescência nas capitais do país, na Europa e na América do Norte. Nas cartas para o amigo Monteiro Lobato, demonstra constante preocupação com os rumos da educação, grande envolvimento com a política educacional brasileira e grande habilidade no trato com as palavras, possibilitando reflexões teóricas sobre a leitura, o leitor e o lugar do livro como objeto cultural para a família Teixeira e, por extensão, para a sociedade caetiteense.

As reflexões seguintes fazem parte de uma pesquisa em desenvolvimento em que analiso as correspondências pessoais trocadas entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato, no período de 1928 a 1947. Nelas, busco investigar de que forma a escrita epistolar constitui importante instrumento de difusão de ideias e pode revelar o universo cultural que envolve emissor e destinatário. Desse novo olhar sobre elementos culturais representativos de uma sociedade intelectualizada, supponho ter derivado o processo de constituição de uma identidade caetiteense marcada pelas práticas culturais letradas.

Em carta datada de 7 de julho de 1937, Anísio Teixeira escreve ao autor de *Reinações de Narizinho* nestes termos:

Com presteza que comoveu o meu senso paleolítico das distâncias, você mandou em resposta às minhas saudades a sua melhor e mais esplêndida carta, uma carta em que eu e nós, os quase três, nos rebolamos até hoje, babando de puro gozo espiritual. Até o sobretudinho cor de camelo ainda existe ouviu e reouviu a leitura, e não deixei de notar uns estremecimentozinhos de saudades... de sua terra. Aqui também faz frio (850m de altitude), mas não faz barulho como em Nova York, nem faz pensamento e trabalho como lá. E aquela lãzinha é moderna e inquieta e toda se encrespa com a prolongada monotonia do país da ociosidade. Leio-lhe Rangel, *Vida ociosa*. Ela acha bonito, mas dá de ombros ... Que se há de fazer? É um caso a Joice ... Consolam-na os meus livros. Vivo entre Dewey, Russell, Wells e Lobato. E fazem-lhe bem esses homens de amanhã. Vivo com eles mergulhado no futuro. Muitos têm saudades do passado; nós, eu e a lã, temos saudades do futuro. É uma sensação esquisita e muito mais eufórica [...](In: FRAIZ, Priscila & VIANNA, 1986, p.81.)

As missivas, assim como os jornais, não chegavam com a velocidade desejada, mesmo assim, possibilitavam a circulação de informações sobre diversificados assuntos e ideias que fomentavam a vida dos intelectuais fora e dentro do país. No excerto acima encontramos indícios de práticas culturais letradas: “não faz barulho como em Nova York, nem faz pensamento e trabalho como lá”, “Leio-lhe Rangel, *Vida ociosa*”, “É um caso a Joice” e “Vivo entre Dewey, Russell, Wells e Lobato”, práticas comuns a algumas famílias de Caetité e, em particular, aos Teixeiras.

A valorização dos arquivos pessoais está ligada, desde o século XVIII, ao crescente poder da escrita que se estendeu para o nosso cotidiano. Artières (1998, p.13) afirma: “esse lugar crescente da escrita na vida de todo dia tem como consequência uma gestão diferente dos nossos papéis. Assim, é imperativo na nossa sociedade manter arquivos domésticos” e, ao dizê-lo, aponta para a crescente valorização da escrita nas sociedades ocidentais modernas. Para existir e exercer a cidadania, é preciso inscrever-se nos registros oficiais, mas não é o bastante, os arquivos pessoais também são necessários para guardar a memória. Segundo o mesmo autor, essa exigência não atende apenas a uma função ocasional, “o indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua **identidade reconhecida**. Nada pode ser deixado ao acaso, devemos manter arquivos para recordar e **tirar lições do passado**, para **preparar o futuro**, mas, sobretudo, para **existir no cotidiano**.” (p. 14. Grifos meus). O autor percebe, no arquivamento do eu, a afirmação de uma identidade e também um mecanismo de resistência. O homem aprende com o pretérito para se preparar para o devir, mas é no presente que aciona o mecanismo que interliga os outros tempos.

A partir do século XX, o indivíduo e sua trajetória passaram a ser mais valorizados e a produção de uma memória pessoal e individual ganha cada vez mais espaço na sociedade moderna e, a partir da década de oitenta, certamente estimulado pelos novos aportes teórico-metodológicos experimentados, o gosto do público pelo gênero biográfico e autobiográfico cresceu muito. Os pesquisadores não apenas da área das letras, como também da historiografia, passaram a ver nesse tipo de fonte uma imensurável possibilidade para pesquisa. Esta aproximação da historiografia com as letras, em particular com a literatura, através da biografia, trouxe para ambas as áreas de conhecimento técnicas e questionamentos que eram específicos de cada uma. Segundo Janete Tanno (2007, p.114), “o arquivo pessoal de pessoas públicas responde a motivações diferentes para o acúmulo e guarda de documentos sobre si, não somente por injunção social, mas pelo tipo de atividade profissional desenvolvida pelo titular, podendo mesmo ter a intenção de uma futura autobiografia”. Se uma autobiografia era a meta de Anísio Teixeira é difícil precisar, o que de fato interessa a essa pesquisa é que as cartas por ele escritas podem revelar nuances e facetas de uma

Caetité letrada da qual fazia parte e que ajudou a consolidar.

Através da correspondência, como *voyeuse*, participo da intimidade cotidiana e de relatos das confidências da vida privada de Anísio Teixeira e de Monteiro Lobato que podem surpreender o leitor contemporâneo e descortinar uma variedade de assuntos que interligavam, de modo inusitado, as dimensões públicas e privada, permitindo vislumbrar níveis de intimidade construídos e consentidos entre o intelectual do sertão e do sudeste, revelando não só o caminho da construção e do estreitamento da amizade entre os missivistas, mas também as discussões intelectuais que travam no momento da escrita, donde se podem extrair reflexões sobre leitura e circulação de bens culturais impressos e também o crescimento das ideias do intelectual reformulador da educação brasileira nas décadas de 1920, 1940 e 1950, cuja visão ousada causou desconfortos em vários segmentos da sociedade brasileira.

Segundo Ribeiro(2009, p.18), “por mais que seja volumoso o número de papéis produzidos por cada indivíduo da família [Teixeira], o fluxo de documentos compõe apenas fragmentos de trajetórias e experiências vividas pelos sujeitos presentes direta e indiretamente nas cartas”. Mesmo assim, acreditamos, compõe uma rede exstante, da qual o pesquisador pode extrair informações significativas para a compreensão de diversos aspectos da sociedade da época, assim como para compreender o pensamento daquele missivista e sua relação com a leitura. Se por um lado essas cartas podem ratificar a fortaleza do mito, por outro podem desvendar um homem perseguido e mal compreendido.

A crítica de Bourdier(1996) em relação às biografias pode também ser pensada em relação aos arquivos pessoais, visto que a desejada unidade e coerência perseguidas e construídas pelo biógrafo ou pelo responsável pelo arquivo não correspondem à história de vida do biografado ou a seu arquivo, que se exprimem pela descontinuidade, pela fragmentação e incoerência, pois sabemos que os arquivos são resultado de um momento cristalizado pela memória, além de ser bastante comum a arrumação de documentos pessoais, conforme as expectativas e necessidades diante da vida. Segundo Artières (1998, p. 11), “[...] a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas” e Janette Tanno (2007, p.116) ratifica esse pensamento ao explicitar a manipulação dos arquivos pessoais: “Assim como a vida é reinterpretada e redefinida ao longo da sua trajetória, os documentos também seguem essa mesma lógica e esta deve corresponder à identidade do momento presente”. Tanto os arquivos de pessoas comuns quanto os de personalidades públicas podem ser manipulados antes de chegarem ao público. A proposta de Bourdier(1996) de superar tanto o objetivismo estruturalista quanto o subjetivismo interacionista (fenomenológico, semiótico) me interessa na medida em que permite analisar como os agentes incorporam a “estrutura social” ao mesmo tempo em que a produzem, a legitimam e a reproduzem, pois a verdade da interação nunca está totalmente expressa na maneira como ela se apresenta para nós. Existem realmente as estruturas objetivas que coagem as representações e ações dos agentes, mas estes, por sua vez, na sua cotidianidade, podem transformar ou conservar tais estruturas. Para o crítico, os momentos objetivo e subjetivo das relações sociais estão sempre numa relação dialética e dinâmica. Seu conceito de “ilusão biográfica” (1996, p.82) nos ajuda a compreender a posição do sujeito no contexto. Ele considerou indispensável reconstruir o contexto, a “superfície social” em que age o indivíduo, em uma pluralidade de campos, a cada instante. A biografia ideal seria, então, aquela construída por meio do “nome próprio”, indicador hirto de uma identidade social que, pela constância e duração, garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis. Desse modo, “o sujeito transita em tempos e espaços diferentes, submetido a incessantes transformações, não ficando prisioneiro de um mesmo nexo, mas entendido dentro de uma dinâmica que reflete o sentido dialético da vida social” (AZEVEDO, 2004, pp. 207). É nessa perspectiva de movimento que também os arquivos devem ser entendidos, principalmente quando se trata de correspondências em que a dinâmica é marcada pela leitura/escrita entre os missivistas.

Para Philippe Artières (1998), arquivar a própria vida é ainda uma prática dinâmica e plural que tem por objetivo um futuro leitor. Nesse sentido, o papel do destinatário do discurso é sempre algo relevante a ser levado em conta na leitura/análise desse tipo de narrativa. A percepção do “outro” nas cartas, por íntimas que sejam, faz-se via temática abordada, de tal modo que o “eu” passa a figurar num subplano. Frente a essas correspondências é necessário visualizar tanto sua produção como sua recepção: “um tipo de escrita e uma forma de leitura – impulsos variados movem quem escreve e quem lê, mas tudo se volta para a criação de um mundo particular, único”, afirma Maciel(2002, p.61). Essa relação “outro/outros” se estabelece na leitura, com o destinatário das cartas ou possível leitor que delas se apropria. Quem escreve se expande no espaço e no tempo cronológico, propiciando imagens originadas dessa escrita íntima que servem para historiar momentos da vida de ambos os envolvidos e que se tornam de interesse público, muitas vezes revelando uma singularidade de escrita que possibilita ao pesquisador, inclusive, o reconhecimento de um estilo. Afirma Ribeiro (2009, p. 26): “ A cronologia, o local de envio das cartas, o assunto tratado podem possibilitar entrever, com relativa margem de erro, os locais ocupados pela personagem em questão no instante de recebimento e envio das cartas”. Ilustra essa discussão outro fragmento das cartas, desta feita tendo Monteiro Lobato como emissor:

Recebi a tua carta e dou-te parabéns por já te vires te aproximando da civilização, que, apesar de sórdida, é o nosso “clima”, como diz o Assis Chateaubriand. [...] Falei ao Otales sobre o Wells, ele mandou escrever para Londres atrás dos direitos. [...] mandei-te uma *Prensa* e um número da revista *Ser*, para que vejas a penetração da Emília na Argentina. Baco vai montar a Editorial Emília, para lançar toda a minha série. Consta-me que já arranjou financiamento. A Emília, a Emilinha – quem havia de esperar tanto, que até desse nome a uma casa editora? (In: FRAIZ, Priscila &VIANNA, 1986, p. 84)

Os arquivos pessoais dizem respeito à história de uma personalidade, mas é o particular que informa o social. Do fragmento é possível depreender que as notícias veiculadas tomam uma dimensão mais ampla, extrapola o âmbito do particular e íntimo, revelando questões de interesse coletivo como, por exemplo, a circulação da revista *Ser*, a criação de uma editora na Argentina com o nome de uma personagem da literatura infantil brasileira e também as providências para que Anísio pudesse traduzir a obra de Herbert George Wells, da qual se tornou zeloso tradutor. Assim, a micro-história pode ajudar a desvelar assuntos de interesse coletivo. Minha pesquisa caminha por este viés ao buscar compreender a construção de uma Caetité letrada a partir da percepção e atuação de Anísio Teixeira, em sua relação familiar e de amizade com Monteiro Lobato. Acerca da micro-história para o estudo da escrita de si, cito:

Quando falamos de arquivos pessoais, estamos tratando da constituição do sujeito em sociedade, inserido e engendrado nas tramas cotidianas da sobrevivência em algum lugar e época histórica. Rastrear seu modo de vida, suas experiências e sua inserção em algum grupo social estabelecido e seus conflitos internos e com o meio em que vive é uma prática de pesquisa que requer alguns instrumentos que são oferecidos pela micro-história.(TANNO, 2007, p.116)

Segundo essa prática, ao reduzir a escala de observação, torna-se mais fácil ao pesquisador proceder a uma análise minuciosa e intensiva dos documentos. Em *Sinais. Raízes de um paradigma indiciário*, Ginzburg(1990, 143) explicita como pretende explicar o método de análise histórica, buscando suas raízes no paradigma indiciário, método de pesquisa baseado em pequenas pistas capazes de remontar a uma realidade maior e mais complexa que o objeto de pesquisa em si e de

dar sustentação a conclusões mais amplas. Vale ressaltar que, para demonstrar como se deu a emergência desse paradigma, o autor vale-se do método indiciário na construção do próprio texto *Sinais*.

Um olhar atento às pistas deixadas nas entrelinhas dos discursos das correspondências em análise pode possibilitar entrever instâncias significativas do pensamento de Anísio sobre leitura e circulação de bens culturais impressos e a sua importância registrada no diálogo íntimo mantido entre o educador e o amigo. Mais do que isso, como diria Ângela Gomes (2004, p.11), revelar também a construção de um “teatro da memória”, ou seja, um espaço privado onde: “as práticas da construção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si [...] até a da constituição de memória de si [...]”. Esse conjunto de ações caracteriza, segundo a mesma autora, a necessidade de o indivíduo dar “significados especiais” às coisas do mundo circundante correlacionadas a sua vida privada. Neste fragmento ilustrativo, Anísio escreve sobre sua admiração pelas atitudes do amigo, que escreve uma obra cujo teor amplia a visão crítica infantil:

Dentro de meses saem o seus novos livros [Serões de Dona Benta, Histórias de Tia Anastácia e o Poço do Visconde], os de ciência... E o mundo sem fantasmas que você está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, trabalho que me entenece a inteligência muito mais que você o possa imaginar. Quando vejo, a procurar com o ferro e o petróleo dar espinha dorsal ao nosso invertebrado Brasil econômico, e com os seus livros arejar a inteligência do meninão brasileiro que se vai erguer nas suas pernas traseiras, fico a sonhar na sua estátua. Porque ainda se há de marcar as épocas no país com você. As idéias que lhe roem a cabeça como piolhos são do tope das que roíam a cabeça daquele outro visionário que foi Bacon. Com ferro, petróleo e inteligência se há de afinal construir a “componente nova” do Euclides. (In: FRAIZ, Priscila & VIANNA, 1986, p.83)

A partir da microrrealidade que circunda o missivista, é possível vislumbrar a universalidade que reside no senso da existência e resgatar as ideias sobre leitura e bens culturais representativos de uma época. A carta é escrita, supostamente de Caetité segundo os autores da coletânea, e revela o estado de espírito de Anísio diante da economia brasileira de 1937. É provável que Lobato, o leitor primordial, tenha se identificado com o retrato composto pelo amigo. O leitor contemporâneo acaba por buscar indícios que possam criar um mundo a partir do simulacro proposto pelo autor, buscando verdades que só são possíveis nos limites da própria escrita, a verdade da vida narrada. Os indícios deixados na escrita podem servir de aporte significativo para a compreensão do pensamento anisiano nas entrelinhas em que ele se inscreve.

Se tem pretensão de verdade, tem algo de ficção, pois, na busca de si mesmo, o missivista ficcionaliza o que viveu, embora não deixe de ter um caráter de permanência e universalidade na medida em que versa sobre assunto de interesse público. Quem escreve uma carta (e se inscreve) interessa-se por dizer as miudezas do dia a dia e, ao fazê-lo, coloca em evidência, sob a subjetividade própria desse tipo de escrita, as grandes dúvidas e indagações humanas. Esse tipo de escrita possibilita o mapeamento da memória de uma época, e preservá-la é conservar viva a história de uma sociedade e um exercício de ser e estar no mundo.

Considerando os procedimentos metodológicos de críticas que descartam “a priori” qualquer possibilidade de se saber “o que realmente aconteceu” ou a “verdade dos fatos”, utilizo as correspondências como objeto de pesquisa, demarcadas pelo debate das relações entre história e memória, pela questão da temporalidade e pelo enfrentamento da questão da dimensão subjetiva desse tipo de fonte, que é mais uma interpretação do sujeito sobre si mesmo que um relato de fatos, o que beira à ficção. Mark Twain (In: Schmidt, 2004, p.134) declarou: “[...] A vida da própria

pessoa não pode ser escrita” confirmando a defesa da crítica de que a vida só pode ser recriada na escrita. Esta afirmação nos dá a possibilidade de uma análise mais flexível do problema, abrindo espaço para uma discussão que nos permite transitar, sem remorsos ou pudor, entre conceitos filosóficos, historiográficos e literários.

O autor escreve a missiva sem a pretensão de que outro leitor, além daquele destinatário, vá ler. Não imagina, no momento da escrita, que um leitor, situado num tempo futuro e desconhecido, possa vir a ler suas cartas e nelas ver representações de uma época e de um pensamento, para além de seus relatos íntimos, vistos como circunstanciais e cotidianescos. Esses escritos podem ser a chave para o desvendamento de algo que, em princípio, é pessoal, mas que se expande ao universal na medida em que interfere no pensamento de uma época e desta época visualiza um devir - futuro ainda não projetado ou sequer imaginado. A enunciação marcada pela estrutura fragmentada não inviabiliza a composição de um todo coeso de cujo enunciado se pode extrair situações, eventos, descrições e sensações, ligados a datas cronológicas, tornando-se coerente não apenas pela possibilidade de (re)construção desses elementos, mas também pelas leituras possíveis que sua forma comporta e que podem funcionar como material de referência para a coleta de indícios, que no conjunto podem compor um amálgama pleno de significados.

Assim como na literatura, também na escrita epistolar a verdade transita e se relativiza nos limites da sua subjetividade. Segundo Ângela Gomes (2004, p. 14), “a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua verdade’[...]”. O que interessa é a ótica de seu autor e como expressa o fato, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de “como o autor diz que viu, sentiu e experimentou” um acontecimento pretérito. É preciso considerar, ao analisar o que o autor escreveu, determinadas características próprias da escrita de si, tais como as relações da escrita com seu autor, seus objetivos e perspectivas na construção voluntária ou involuntária desse “eu” inscrito.

Tratando-se da escrita epistolar, é importante estar atento para todas as questões, não apenas aquelas que envolvem o missivista, mas também a relação que aquele estabelece com o destinatário da correspondência por constituir um sistema complexo que mantém intercâmbio significativo entre suas partes. A análise da correspondência entre Anísio e o criador do Sítio do Pica-pau-amarelo pode revelar a rede de sociabilidade e o prestígio social e acadêmico que o educador conquistou entre os intelectuais brasileiros. De acordo com Ângela de Castro Gomes (2004, p.19), “a idéia de pacto epistolar segue essa lógica, pois envolve receber, ler, responder e guardar cartas”. Assim, o papel de Monteiro Lobato é de crucial importância para o desenrolar dos relatos, o aprofundamento das ideias veiculadas e também na preservação das missivas. A estrutura narrativa das correspondências revela um tempo entrecortado por outro tempo de espera, para que a sequência se revele pautada na instigação do anterior receptor que se transformou em enunciador do discurso. Anísio Teixeira é o enunciador e, num momento seguinte, o receptor, assim como Monteiro Lobato deixa de ser o receptor e passa a ser, num outro instante, o enunciador. É esse revezamento de papéis que determina o teor dessa correspondência e depende, em grande parte, da motivação dos interlocutores.

Ao correlacionar as cartas a outros documentos que versam sobre os sertões da Bahia, busco refazer o percurso intelectual de Anísio Teixeira e uma leitura da imagem aproximada de Caetité e entorno no período e em diálogo com o contexto descrito nessas missivas. Embora esta pesquisa esteja no início, acredito que essas leituras críticas possam subsidiar a compreensão da escrita anisiana sobre leitura, circulação de bens culturais e a consequente constituição de seu pensamento, marcado pela dinâmica social a que era submetido no contexto em que as cartas foram escritas, discussões e reflexões entre amigos, experiências originadas de viagens à Europa e a dinâmica socioeconômica da cidade de Caetité e entorno, pouco similar às demais cidades das regiões do interior do Nordeste na primeira metade do século XX.

Abstract: This paper presents part of a research development that investigates the personal correspondences exchanged between Anísio Teixeira and Monteiro Lobato, in the period from 1928 to 1947, published in the book: **Conversation between friends: correspondence chosen between Teixeira and Monteiro Lobato**, organized by Aurélio Vianna and Priscilla Fraiz. It is intended to reflect how the letter writing is an important tool for the dissemination of ideas and can reveal the cultural universe that involves the sender and receiver. This way, look at cultural elements representative of an intellectual society, which I suppose to have derived the process of setting up a caetiteense identity marked by cultural literary practices. Guiding this research the theoretical GINZBURG (1990), BOURDIEU (1996), ARTIÈRES (1998), AZEVEDO (2004), NUNES (2000), GOMES (2004) and TANNO (2007).

Keywords: Anísio Teixeira. Correspondences. Reading. Culture.

Referências Bibliográficas

- 1] ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Revista de Estudos Históricos: arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, n. 21, 1998.
- 2] AZEVEDO, Francisca L. Nogueira de. *Ao sol carta é farol*. TOPOI, v. 5, n. 8, jan.-jun. 2004, pp. 206-212. Disponível em: <http://revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi08/topoi8res2.pdf>Aceso em: 23/fev/2011.
- 3] BOURDIEU, Pierre (1986). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M.; J. AMADO (Org.), *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- 4] CUNHA, M.V. John Dewey, a outra face da Escola Nova no Brasil. In: GHIRALDELLI JÚNIOR, P. (Org.), *O que é filosofia da educação?* Rio de Janeiro: DP&A, 1999, pp. 247-264.
- 5] FRAIZ, Priscila &VIANNA, Aurélio.(Org.) *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.
- 6] GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- 7] GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- 8] MACIEL, Sheila Dias. *Diários: escrita e leitura do mundo*. Guarapuava- Paraná, v. 3, nº.1, p. 57-62.jan/jun . 2002.
- 9] NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.
- 10] RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927)*. Dissertação de Mestrado em História, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, 2008, p. 158
- 11] SCHMIDT, Benito Bisso. *Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica*. História Unisinos. Vol. 8, nº. 10 jul/dez. 2004, p.131-142. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/15histori-an10vol8_artigo09.pdf> Acesso em: 10/ mar/ 2011.
- 12] TANNO, Janete Leiko. *Os acervos pessoais: memória e identidade na produção e guarda dos registros de si*. UNESP – FCLAS – CEDAP, v.3, n.1, 2007 p. 110.